

Recessão começa a mostrar suas garras

45 Econ - Brasil

O desaquecimento generalizado chega numa época em que as vendas deveriam crescer

Desde os primeiros dias do Plano Collor o País se acostumou a esperar por uma recessão, previsível pelo aperto monetário do governo, mas desmentida por um vigor às vezes surpreendente da economia. Agora, porém, a recessão começou a mostrar suas garras. Três grandes empresas, das maiores nos seus setores, entraram com pedidos de concordata na semana passada: a Citro-Pectina, exportadora de suco de laranja, a Persico Pizzamiglio, fabricante de tubos de aço e a Vega Sopave, especializada em limpeza pública. Na semana anterior, tinha sido a vez da Jaraguá, uma das grandes produtoras de caldeiras.

O fantasma do desaquecimento generalizado dos negócios chega numa época normalmente marcada por um impulso nas vendas. "As indústrias, especialmente as de bens de consumo, deveriam estar a plena carga para atender os pedidos do Natal", afirma Carlos Eduardo Uchôa Fagundes, diretor do Departamento de Estatísticas Econômicas da Federação

das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). "Mas o comércio diminuiu as encomendas."

O Indicador do Nível de Atividades da Indústria teve um pequeno crescimento de 6,8% em agosto, mas os números de setembro, ainda não divulgados, devem mostrar uma queda significativa. "Em outubro o recuo deve ser ainda mais acentuado", diz Fagundes. Se não houver um reaquecimento das vendas, o desemprego certamente aumentará, prevê Fagundes.

As estatísticas do comércio, contudo, não são nada animadoras. A média mensal de títulos protestados aumentou de 21 mil, no primeiro semestre, para 30,7 mil no último trimestre, segundo estatística da Associação Comercial de São Paulo. Os números não são recordes. Em 1985, por exemplo, a média chegou a 45 mil. Mas o crescimento rápido mostra uma mudança importante porque o aumento dos protestos é, sempre, o primeiro sinal da recessão. "O comportamento recente do mercado é preocupante", afirma Marcel Domingos Solimeo, diretor da Associação Comercial. Outros elos da cadeia econômica, de fato, começam a ser afetados. Até o dia 17, 13 concorda-

tas foram requeridas em São Paulo quando, até setembro, a média mensal era 6 e, no ano passado, 7.

A economia entra agora em queda graças a uma overdose de aperto monetário: os juros dos Certificados de Depósitos Bancários (CDBs) ficaram, nas últimas duas semanas, ao redor dos 1.000% ao ano. Os empréstimos para as empresas no hot money, os financiamentos de curtíssimo prazo — os únicos disponíveis —, não são feitos por taxas anualizadas inferiores a 3.000%. "Os juros atuais são um risco para a sobrevivência das empresas", diz Romeu Trussardi Filho, presidente da Associação Comercial de São Paulo.

A queixa generalizada dos empresários em relação aos juros tem, desta vez, um aliado insuspeito: o próprio presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, responsável pelo aperto. Juros altos são necessários, desde que mantidos por pouco tempo, segundo ele. "Se ficam nos níveis atuais por um período prolongado podem ser intoleráveis", afirma. "O aperto monetário tem seus limites."

□ *Leia mais informações sobre o aperto monetário e a recessão nas páginas 2 e 4*